

BAP

A Banalização da Arrogância e Prepotência

(na ascensão da *Extrema-direita*)

Pedro Bernard e Isabel Almeida



BAP:

A Banalização da Arrogância e Prepotência (na ascensão da Extrema-direita)

Dedicado ao enorme: Américo (APB) o “Maestro”

© 2026 [Pedro Bernard]

Todos os direitos reservados.

Esta obra está protegida por direitos de autor. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou utilizada, total ou parcialmente, por qualquer meio ou processo, sem autorização prévia e por escrito do autor.

A utilização comercial não autorizada, bem como a reprodução ou adaptação desta obra, constitui violação da legislação de direitos de autor.

Disponível: referendumm.org

Ilustração da capa, Fonte: Gerado por IA (Copilot) em 27/02/2026 (capa para Livro: BAP- a Banalização da Arrogância e Prepotência)

Resumo do Capítulo 1: Introdução: A BAP – A nova face do poder no Sec. XXI

O presente, escrito a duas mãos, à semelhança de uma composição de piano a quatro mãos, propõe investigar o fenômeno da banalização da arrogância e prepotência (BAP) na era contemporânea. A crescente normalização destes comportamentos, tanto em esferas públicas como privadas, criando um clima de banalização e impunidade, suscita preocupações quanto ao tecido social, à convivência democrática e à saúde das instituições. Este trabalho visa analisar, de forma crítica e fundamentada, as raízes, manifestações e consequências desta tendência, bem como sugerir possíveis caminhos para a sua superação.

Resumo do Capítulo 2: Recorrência da BAP

A Banalização da Arrogância e da Prepotência (BAP) descreve a normalização de atitudes de superioridade e desprezo pelo outro, que deixam de ser exceções condenáveis para se tornarem estratégia política recorrente em contextos de crise. Inspirada na “banalidade do mal” de Hannah Arendt, a BAP revela como a ausência de pensamento crítico permite que a arrogância se transforme em cultura de poder. Do nazismo aos populismos contemporâneos, observa-se um padrão cíclico de normalização, institucionalização e cristalização autoritária.

Resumo do Capítulo 3: A BAP como instrumento Político

A BAP afirma-se como ferramenta estratégica de mobilização, explorando dicotomias ideológicas, hierarquias naturalizadas e a figura do “líder forte” para transformar arrogância em sinal de competência e autoridade. Em contextos de crise identitária e desconfiança institucional, a prepotência é estetizada como autenticidade, coragem e eficácia decisória. O resultado é a erosão do diálogo democrático e a normalização da prepotência como estilo legítimo de governo.

Resumo do Capítulo 4: A Propaganda ao Serviço da BAP

A propaganda digital transforma a BAP numa estratégia sistemática, usando redes sociais, microsegmentação e fake news para normalizar a arrogância, abusos e ilegalidades como sinais de força e autenticidade. Algoritmos criam bolhas emocionais que reforçam medo, ressentimento e identidade tribal, substituindo o debate racional por lealdade afetiva ao líder, o capítulo mostra como a repetição e a desinformação corroem a verdade factual e deslegitimam instituições. O resultado é a erosão democrática, onde a urna deixa de ser espaço de deliberação e torna-se ritual de consagração identitária.

Resumo do Capítulo 5: BAP Angaria Votos

A BAP funciona como estratégia eleitoral calculada, transformando arrogância em imagem de eficiência, força e ruptura com a “velha política”. Em contextos de frustração social e descrédito institucional. A adesão do eleitorado apoia-se em identificação simbólica, ressentimento e lealdade tribal, onde vícios morais são aceites como virtudes políticas. Assim, a banalização da prepotência converte-se em instrumento de mobilização e fidelização, normalizando a erosão do debate democrático.

Resumo do Capítulo 6: A Figura Identitária

O capítulo analisa como a democracia, ao personalizar a representação política, pode tornar-se vulnerável ao líder narcisista-populista, que transforma mandato em coroação simbólica. Explorando fragilidades institucionais e emocionais, o “rei eletivo” converte voto em sagração e representação em encarnação da vontade popular. A identificação projetiva e a lealdade tribal metamorfoseiam o cidadão crítico em devoto, banalizando a arrogância como estilo legítimo de liderança. Assim, a democracia corre o risco de esvaziar-se por dentro, quando o corpo do líder se sobrepõe às instituições que deveriam limitá-lo.

Resumo do Capítulo 7: A Mentira Sustenta o Mal

O capítulo defende que a mentira está na base do mal político: ela desumaniza o “outro”, fabrica medo e legitima projetos de dominação que seriam indefensáveis à luz da verdade. Exemplos históricos e contemporâneos mostram como narrativas falsas criam realidades paralelas que normalizam violência, guerra e exclusão. As consequências ultrapassam o evento imediato, cristalizando-se em traumas coletivos e mitos nacionais que perpetuam conflitos. A resistência passa pela defesa da verdade factual, da memória histórica e da empatia como fundamentos éticos da vida democrática.

Resumo do Capítulo 8: Gaza produto da BAP-Extrema-Direita

Gaza é o resultado histórico e político da institucionalização de uma lógica de força, bloqueio e desumanização, especialmente consolidada por setores da extrema-direita israelense. Tendo transformado a ocupação, os colonatos e o cerco em políticas estruturais de terror, bloqueando soluções diplomáticas e alimentando ciclos sucessivos de violência, dentro de um conflito moldado por traumas históricos — Nakba e Holocausto — instrumentalizados politicamente. O capítulo conclui que sem reconhecimento mútuo do sofrimento, fim da dominação estrutural e ruptura com a lógica da força absoluta, a destruição e o trauma tenderão a perpetuar-se por gerações.

Resumo do Capítulo 9: Impunidade

Analisa a impunidade como elemento estrutural da ordem global contemporânea, em resultado do clima BAP, onde a força prevalece sobre o direito e as instituições internacionais revelam fragilidade diante das grandes potências. No plano político e geopolítico, a responsabilidade dilui-se em vetos, alianças estratégicas e duplos padrões, criando enclaves de poder imunes à lei. No plano ecológico, a mesma lógica manifesta-se no extrativismo

desregulado de recursos e na banalização do colapso climático, onde o lucro imediato suplanta a sobrevivência coletiva.

Resumo do Capítulo 10: Capitulção das Instituições

O capítulo argumenta que instituições criadas após 1945 para limitar o poder dos Estados — como a Organização das Nações Unidas e o Tribunal Penal Internacional — tornaram-se estruturalmente dependentes das potências que deveriam supervisionar, ficando paralisadas por vetos, pressões e cálculos geopolíticos. A legalidade permanece no papel, mas sem força executória, permitindo impunidade seletiva e erosão da autoridade moral global. Agências humanitárias e mecanismos jurídicos cedem perante ameaças políticas e financeiras, enquanto o silêncio estratégico substitui a responsabilização. O resultado é um precedente perigoso: o direito internacional existe, mas não governa quando confrontado com o poder.

Resumo do Capítulo 11: Democracia presa fácil

O capítulo argumenta que a democracia contém uma vulnerabilidade estrutural: ao abrir espaço à liberdade, pluralismo e competição eleitoral, permite também a ascensão de líderes que exploram medos, frustrações e ressentimentos coletivos. O populista narcisista transforma a eleição numa “coroação simbólica”, apresentando-se como o único intérprete legítimo da vontade popular. Simplifica a realidade em narrativas binárias (“povo vs. elites”), ataca instituições de controlo e personaliza o poder. A representação democrática dá lugar à adoração do líder, enquanto críticas passam a ser tratadas como traição. Assim, a democracia mantém formas institucionais, mas perde espírito democrático. O maior perigo não é a invasão externa, mas a autodestruição interna legitimada pelo próprio voto popular.

Resumo do Capítulo 12: Transição Democrática

O capítulo defende que a transição democrática é um processo permanente, não linear, marcado pela tensão contínua entre impulsos autoritários e cultura institucional. O rumo dependerá da batalha pela verdade factual, da resistência das instituições, do uso político da tecnologia e da gestão das desigualdades

económicas. A democracia pode amadurecer, estagnar em ciclos ou degradar-se em personalismo legitimado pelo voto. No fundo, a transição reflete qual arquétipo prevalece na psique coletiva. O futuro não é ponto final, mas novo patamar instável até à próxima grande crise.

Prólogo:

A síntese dos argumentos apresentados ao longo do livro-tese reforça a necessidade de uma reflexão profunda sobre os caminhos que conduziram à banalização da arrogância e da prepotência. Defende-se a urgência de repensar práticas individuais e coletivas, bem como a importância de construir uma cultura de respeito, humildade e responsabilidade social. A obra encerra com uma reflexão crítica sobre o papel de cada indivíduo e de cada instituição na transformação deste panorama, e sobre as implicações para o ambiente, o futuro do planeta e os caminhos possíveis para uma transição política num contexto de fragilidade democrática.

A BAP, enquanto fenómeno estrutural, não é inevitável. Ela resulta de escolhas políticas, culturais e tecnológicas que podem ser contestadas e transformadas. A resistência passa pela defesa da verdade factual, pelo fortalecimento das instituições, pela educação cívica e pela reconstrução de laços comunitários capazes de contrariar a lógica da polarização e da arrogância performativa.

O futuro dependerá da capacidade coletiva de reconhecer os riscos da banalização da prepotência e de promover uma cultura democrática que valorize o diálogo, a empatia e a responsabilidade. A transição democrática, longe de ser um destino fixo, é um processo contínuo que exige vigilância, participação e compromisso ético. A superação da BAP-Banalização da Arrogância e Prepotência, não é apenas um desafio político, mas um imperativo civilizacional.

Glossário de Termos para uma Análise da BAP

1. Arrogância

- **Definição Técnica:** Atitude ou comportamento que manifesta uma superestimação injustificada das próprias capacidades, conhecimentos ou importância, acompanhada frequentemente por um desprezo ou falta de consideração pelas opiniões, sentimentos e competências alheias. Distingue-se da mera confiança pela ausência de fundamento real e pelo componente de desdém.
 - **Contextualização:** Na filosofia moral, a arrogância (ou *hubris*, na tradição grega) é vista como um vício que corrompe o julgamento, levando o indivíduo a transgredir limites por acreditar-se acima das normas comuns. Na psicologia social, pode ser analisada como um mecanismo de compensação para inseguranças profundas ou como um fator que deteriora a cooperação e a aprendizagem coletiva.
-

2. Prepotência

- **Definição Técnica:** Exercício abusivo, autoritário e impositivo de poder ou autoridade. Enquanto a arrogância é uma atitude, a prepotência é uma *prática* que efetivamente subjuga o outro, utilizando uma posição de força (real ou percebida) para anular dissentimentos e impor vontades, muitas vezes com capricho e arbitrariedade.
 - **Contextualização:** Conceito-chave na teoria política e na sociologia do poder. Aumenta proporcionalmente com o número de votos angariados. Reflete uma distorção na relação mando-obediência, onde a autoridade legitimada transforma-se em poder despótico. Pode ser estudada nas dinâmicas de liderança tóxica, nas relações institucionais abusivas e em regimes autoritários, onde a norma é a imposição sem mediação dialógica.
-

3. Narcisismo (Traço de Personalidade Narcisista)

- **Definição Técnica:** Padrão persistente de grandiosidade (na fantasia ou comportamento), necessidade de admiração excessiva e marcada falta de empatia, conforme descrito em manuais diagnósticos como o DSM-5. Caracteriza-se por um self inflado, frágil e dependente de validação externa, com dificuldade em reconhecer a interioridade alheia.
 - **Contextualização:** Para além da psicologia clínica, o conceito foi vital para a **Teoria Crítica Social** (e.g., Christopher Lasch, em *A Cultura do Narcisismo*). Analisa-se o "narcisismo cultural" como um fenómeno social onde o culto ao self, à imagem e ao sucesso pessoal minam os laços comunitários e o Aliciamento cívico. Na análise política, o termo é usado para descrever líderes cuja conduta é guiada pela necessidade de atenção, louvor e reforço de uma imagem grandiosa.
-

4. Ego-Centrismo

- **Definição Técnica:** Dificuldade cognitiva e afetiva de diferenciar a própria perspectiva da perspectiva dos outros. É uma incapacidade de "descentrar" o ponto de vista, tomando a própria experiência como absoluta e universal. Não é necessariamente patológico como o narcisismo, mas uma limitação na capacidade de compreensão empática e relacional.
 - **Contextualização:** Construto central na psicologia do desenvolvimento (Jean Piaget), referindo-se a uma fase normal na infância. Em adultos, sua persistência é vista como uma falha na maturidade psicossocial. Na filosofia moral, relaciona-se ao desafio de superar o "ponto de vista próprio" para alcançar um juízo ético imparcial (perspetiva abordada por filósofos como Thomas Nagel).
-

5. Teoria da Banalização do Mal

- **Definição Técnica:** Tese filosófico-política desenvolvida por **Hannah Arendt**, a partir de sua cobertura do julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém. Arendt argumentou que Eichmann não era um monstro sádico ou ideologicamente fanático, mas um burocrata medíocre, preocupado com eficiência, carreira e obediência às ordens. O "mal" que perpetrou era "banal" – resultado não de profundidade maligna, mas da *incapacidade de pensar* criticamente, da renúncia ao juízo moral autônomo e da imersão acrítica em sistemas administrativos desumanizantes.
 - **Contextualização:** Conceito fundamental para entender os mecanismos do totalitarismo, da conformidade social e da violência administrativa no século XX. Aplica-se à análise de como atos atrozos podem ser cometidos por indivíduos "normais" inseridos em estruturas que normalizam a ilegalidade e suspendem a responsabilidade pessoal, substituindo-a pelo dever funcional.
-

6. Dicotomia

- **Definição Técnica:** Divisão ou classificação de um conceito, um conjunto ou um fenômeno em duas partes mutuamente exclusivas e coletivamente exaustivas (ou seja, que entre elas cobrem todas as possibilidades). É uma forma de pensamento binário que opõe polos (ex.: bem/mal, natureza/cultura, sujeito/objeto).
-

7. Dicotomia Política Esquerda-Direita

- **Definição Técnica:** Espectro político unidimensional que origina-se da disposição física dos partidos na Assembleia Nacional Francesa pós-Revolução (1789). De forma **heurística e simplificada**, costuma-se associar:
-

- **Esquerda:** Ênfase na **igualdade** (social, econômica), justiça distributiva, reformismo ou transformação social, papel ativo do Estado na regulação econômica e proteção social, e visão mais progressista em costumes.
 - **Direita:** Ênfase na **liberdade** (individual, econômica), ordem, tradição, mérito, papel limitado do Estado e primazia do mercado, e visão mais conservadora em costumes.
-
- **Contextualização:** Com origem na Revolução Francesa, na sequência do descontentamento social, Luís XVI permite, em 1789, a assembleia Nacional Constituinte, na tentativa de representar todas as classes sociais, colocando à esquerda do «hemiciclo» os que se opunham ao seu veto legislativo e à direita os apoiantes da continuação do poder monárquico e do veto do Rei, ou sejam à esquerda os que desejavam a mudança e à direita os defensores da velha ordem e tradição, responsável pela transição do sistema vertical para o horizontal, outrora (durante a idade média, em regimes monárquicos) onde o Rei no topo do eixo vertical e as restantes classes em ordem descendente, ao invés do sistema horizontal moderno que rompe com uma hierarquia discriminatória, polarizando as ideias no mesmo plano de ação e dessa forma, contribuindo para a democratização do sistema político-partidário. Permanece como um **modelo heurístico** persistente no discurso político e mediático, útil para mapear posicionamentos gerais.

8. Teoria Epigenética

- **Definição Técnica:** Campo interdisciplinar da biologia que estuda mudanças hereditárias na expressão gênica (ativação ou silenciamento de genes) que **não** envolvem alterações na sequência de DNA subjacente (ou seja, não são mutações). O termo literalmente significa "acima da genética". Essas mudanças são mediadas por mecanismos bioquímicos, como a **metilação do**

DNA e a **modificação de histonas**, que atuam como "interruptores" regulando o acesso ao código genético.

- **Contextualização:**

1. **Revolução Científica:** A epigenética representa uma mudança de paradigma ao superar o determinismo genético rígido. Ela demonstra que o genoma é dinâmico e responde a sinais ambientais, experienciais e comportamentais (dieta, estresse, toxinas, cuidados parentais, traumas).
 2. **Ponte entre Natureza e Criação:** Fornece um mecanismo biológico plausível para como fatores sociais e ambientais ("criação") podem incorporar-se biologicamente, influenciando a saúde e o comportamento ao longo da vida de um indivíduo e, potencialmente, de gerações subsequentes (hereditariedade transgeracional).
-

Abreviaturas/Siglas:

- **BAP:** Banalização da **Arrogância** e **Prepotência**
- **NEP:** **Narcisista Egocentristas Populista**
- **LNP:** **Líder Nacionalista Populista**
- Genéricas:
- **ONG:** **Organização Não Governamental**
- **TPI:** **Tribunal Penal Internacional**
- **TIJ:** **Tribunal Internacional de Justiça**
- **ONU:** **Organização das Nações Unidas**
- **UNRWA:** **Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente**

- **ICE: Serviço de Imigração e Alfândega**
 - **PCBS: Palestinian Central Bureau of Statistics**
-

Sugestão para Uso na leitura do Livro:

Este glossário serve como âncora conceitual. Recomenda-se, no corpo do trabalho, explorar as **intersecções** entre esses termos. Por exemplo: como um **discurso político narcisista e arrogante** pode levar à **prepotência** institucional; como a **banalização do mal** pode ser facilitada por um **pensamento dicotômico rígido** ("nós vs. eles"); ou como a **dicotomia esquerda-direita** pode ser instrumentalizada de forma **ego-centrada**, por atores que buscam apenas imagem e poder, banalizando o debate público. A análise ganha profundidade ao mostrar como esses conceitos não operam isoladamente, mas em redes de significado que explicam fenômenos sociais complexos.

1. Introdução: A Banalização da Arrogância – A Nova Face do Poder no Século XXI

Um Fenômeno associado à extrema-direita em Tempos de Crise Democrática

Decorrido um quarto de século, do séc. XXI, testemunhamos uma transformação perturbadora na gramática do poder político global. O que antes era condenado como vício moral – a arrogância flagrante, a prepotência ostensiva, o narcisismo desmedido – metamorfoseou-se em estratégia política eficaz, em marca pessoal vendável, em sinal de força para bases eleitorais ávidas por ruptura. Este processo de **banalização da arrogância** não representa meramente a ascensão de políticos com personalidades difíceis, mas a normalização de um *modus operandi* que corrói sistematicamente as instituições, o discurso público e os próprios fundamentos éticos da vida democrática.

O fenômeno encontrou sua expressão paradigmática na figura de **Donald Trump**, cuja campanha e subsequente presidência nos Estados Unidos (2017-2021), e 2025 converteram o descaso pela verdade, o ataque pessoal como retórica padrão e o culto à imagem grandiosa de artigos de opinião em ferramentas de governo. Trump não apenas exibiu traços de arrogância e prepotência; ele os instrumentalizou, demonstrando que o desdém pelas convenções, o insulto a adversários e instituições, e a afirmação repetida de própria grandeza (“I alone can fix it”) podiam ressoar profundamente em um eleitorado cínico com as elites tradicionais e sedento por reconhecimento identitário, verificando-se e confirmando-se de que com acréscimo de votos para o 2º mandato elevou igualmente o nível de arrogância, e mais ainda proporcionalmente o da Prepotência, sem precedentes.

Esta fórmula não permaneceu isolada. Espalhou-se como um padrão, encontrando ressonância e imitação em lideranças ao redor do globo, que adaptaram o mesmo repertório a seus contextos nacionais. **Benjamin “Bibi” Netanyahu**, em Israel, há décadas domina a cena política com um estilo combativo e personalista, que frequentemente coloca sua sobrevivência política acima da coesão institucional,